

CANTA-ME A MORAL - Ó DEUSA! - NEFASTA DE ULISSES LAERTISTA

ANA CAROLINA DE FARIA SILVESTRE

Professora Adjunta de Graduação da Faculdade de Direito do Sul de Minas - FDSM. Doutoranda, Mestre e Especialista em Ciências Jurídico-Filosóficas da Universidade de Coimbra, Portugal. Coordenadora do Grupo de Estudos Educajus. Membro da Unidade de Pedagogia Universitária e Didática do Direito da Universidad de Chile. Membro da Rede Brasileira de Direito e Literatura. Membro da International Research Collaborative Network intitulada Law, Reason and Emotion. Membro da Collaborative Research Network intitulada Law and Emotion. Gestora do Núcleo de Extensão da Faculdade de Direito do Sul de Minas - FDSM.

LUCAS GIOVANE SOLDERA

1. Canta-me a moral - ó deusa! - nefasta¹ de Ulisses Laertista:² O que é fazer a coisa certa?

Desde os primórdios da existência social humana há preocupação sobre o comportamento do outro. Na antiguidade, por exemplo, temia-se pelas ações de estrangeiros que chegavam às comunidades agrícolas. Os moradores questionavam os objetivos desses estrangeiros, suas motivações e, claro, a moral desses viajantes. A preocupação quanto à índole daqueles estranhos não está tão distante da mores romana, contudo, a diferença se encontra no fato que ao tratarmos de moral não olhamos mais somente para o outro, mas também para nós mesmos.

Vale notar que a palavra moral nasceu da tentativa de tradução romana do conceito grego de ethos (ética). A ética e a moral divergem, a primeira é encarada por muitos filósofos como as opiniões que temos e herdamos diretamente de nosso contexto social, já a segunda, parte do princípio de que é a ação individual de cada um que importa, e que uma pessoa é a própria fonte moral de si mesma. Apesar de não ser uma distinção precisa, se faz necessário entender a origem do conceito para ser possível uma compreensão aprofundada das

¹ Primeiro verso da Ilíada na tradução de Carlos Alberto Nunes “Canta-me a fúria – ó deusa! – funesta de Aquiles o Pelida.

² Ulisses era filho de Laertes, na Grécia antiga era comum se referir à determinada pessoa pelo seu primeiro nome + nome derivativo do pai. Exemplo: Aquiles Pelida (filho de Peleu).

teses filosóficas que se seguiriam, provenientes de filósofos que passaram grande parte da vida tentando compreender o outro e suas ações.

A *mores* guarda o cerne da resposta para o proeminente questionamento sobre o que é fazer a coisa certa. Enquanto existirem pessoas com diferentes opiniões, a resposta para a pergunta terá incontáveis variações, porém é possível agrupar essas diferentes respostas em dois grandes grupos. O primeiro grupo, dos Utilitaristas, terá respostas divergentes, mas todas assentam no princípio de que os desafios práticos devem ser superados buscando a maior felicidade para o maior número de pessoas. Aqui, a vontade e a dignidade de uma pessoa serão sacrificadas se isso fizer uma quantidade significativa de pessoas ao redor dela mais felizes.

O segundo grupo, para o qual perguntado sobre como agir e o que fazer, diria que a verdadeira ação moral se encontra na crença de que todos os seres humanos são dignos de respeito e que valores universais para a proteção da pessoa humana de fato existem e devem guiar os comportamentos das pessoas na tomada de decisão. Esse grupo, os Libertários, acredita na universalização de ideias que protegem a integridade de um ser humano, independente de quem ele seja.

No mito de Ulisses (ou Odisseu),³ um homem tenta voltar para a esposa em Ítaca após lutar 10 anos na guerra de Tróia. Este homem, Ulisses, se perde por mais 10 anos no mar em sua jornada para voltar para casa, a Odisseia narra os encontros deste personagem com monstros mitológicos que ele precisa enfrentar. Para sobreviver a tais criaturas Ulisses, desprovido de força bruta, luta com a astúcia, por vezes chegando a cometer atos terríveis ao enganar seus adversários. Em determinado momento, ao encontrar com Circe, a notável feiticeira da Odisseia, ele é avisado por ela que, para conseguir continuar sua jornada, precisará passar por Cila ou Caríbdis.

Cila é um monstro semelhante a um Leviatã, possui diversas pernas capazes de arrancar até 6 homens de um navio para comê-los. Caríbdis é uma espécie de monstro capaz de destruir embarcações inteiras. Odisseu precisa escolher qual monstro enfrentar e Circe o aconselha a tomar o rumo de Cila, uma vez que, segundo ela, perder seis homens é melhor do que acabar com toda a tripulação morta em alto mar e com o navio destruído. Aqui, pode-se notar uma visão utilitarista por parte de Circe para responder a um problema moral. Ela usa da sua própria razão de forma instrumental para achar a solução de um problema - que é ao

³ Ulisses é comumente usado na versão latinizada da Odisseia, enquanto que nas versões que buscam ficar mais próximas da conotação grega usa-se Odisseu, ambos se referem ao mesmo personagem.

mesmo tempo físico e subjetivo. Ao fazer isso, Circe busca maximizar a felicidade e garantir a hegemonia da felicidade sobre a dor. Odisseu tenta contornar a situação, passando entremeio a ambos os monstros com a esperança de não ser pego por nenhum, contudo os fatos se resolvem de forma trágica para a razão moralmente dividida de Odisseu. Em dado momento ele precisa se aproximar mais de Cila e, ao fazer isso, condena seis de seus homens à morte.

Ao tomar esta atitude moral de conotação utilitária, Odisseu de fato está fazendo mais pessoas felizes, que é o que importa para a filosofia criada por Jeremy Bentham. Porém, Homero, ao descrever a reação de Ulisses à morte de seus homens, usa a palavra grega οἰκτιστος.⁴ Ulisses em si não está feliz com a decisão que teve que tomar. Isso pode denotar uma rachadura na lógica utilitarista uma vez que ela permite a Ulisses escolher quem morre, colocando ele como um ser humano acima dos demais, mas também retirando dele uma escolha que o satisfaça, em outras palavras: é inviável e contraditória a possibilidade de se escolher em prol da felicidade dos outros, mas não ter poder algum sobre a própria felicidade - o que leva a questionamentos críticos ao utilitarismo como: o porquê de a vontade de Ulisses de voltar para casa ser mais importante que a vida dos homens a seu comando.

É de importante lembrar também da máxima crítica de Immanuel Kant ao utilitarismo, em que ele afirma que fazer de um homem um ser feliz e fazer dele um ser moral podem ser coisas completamente diferentes. Logo, o primeiro nada contribui para a verdadeira construção moral do homem. Entretanto o que Ulisses sente, a maior das lamentações, também não teria valor moral para Kant se deste sentimento resultasse alguma ação, uma vez que a compaixão não gera valores morais e que para uma ação ter valor moral ela precisa ser pautada no respeito pela razão iluminada pelo imperativo categórico e não em puro sentimento. Claro, Kant não veria nada de errado em uma pessoa ser solícita com a outra por sentir compaixão por esta, mas quando se discute a moral kantiana é imprescindível que os atos praticados, para terem valor moral, sejam feitos completamente baseados na razão, esta motivada inteiramente em fazer o certo por que é certo e na lei que rege as escolhas no horizonte da vida prática. Ser livre e autônomo pressupõe a observância da lei moral, ensina Kant.

Essa passagem da Odisseia à luz de uma visão Libertária, segundo o conceito de imperativo categórico de Immanuel Kant, trata-se de uma aporia. Se os seis tripulantes que foram usados como instrumentos tivessem sua dignidade respeitada, fossem efetivamente assumidos como fins em si mesmos, então nunca poderiam ser descartados para atingir

⁴ “A maior das lamentações” em tradução-livre

qualquer finalidade. Mesmo se quisessem se sacrificar para atingir os objetivos de Ulisses isso violaria a máxima da moralidade Kantiana. No horizonte da moralidade Kantiana há alguns absolutos como matar alguém e, inclusive, o suicídio. O pensamento kantiano não defende de forma desmedida a liberdade.

A heteronomia kantiana diz respeito às influências externas que controlam os desejos dos seres vivos, sejam esses desejos biologicamente determinados ou socialmente inseridos. Nesse quesito Kant é extremamente rigoroso ao tratar da razão humana como forma de expressão máxima da autonomia, agir conforme às próprias vontades determinadas através de uma lei outorgada por si mesmo através da razão é o que distingue o ser humano dos demais animais que vivem apenas pelo regimento das leis naturais impostas. Já a determinação heteronômica diz respeito a objetivos que possuímos que não são finalidades em si, mas imposições pelas quais precisamos passar a fim de chegarmos em nossa finalidade principal, porém esse processo desconhece a autonomia, pois é regado por fatores externos e estes definem as ações tomadas, logo não há liberdade.

Ulisses tem que passar por Cila ou Caríbdis condenando seus homens não porque este é um objetivo dele, mas sim uma necessidade para seu verdadeiro desejo, o de sobreviver com intuito de voltar para a esposa em Ítaca. Nesse quesito Ulisses é desprovido, ou simplesmente incapaz, de acessar a dignidade humana que torna a existência especial segundo Kant. Sua razão é comandada pela vontade, sendo ela, por definição, característica do imperativo hipotético, a ação de fazer uma coisa (sacrificar os marinheiros) tendo como objetivo outra diferente (o prazer de passar por Cila e Caríbdis e sobreviver, mas com o medo da dor da morte), tendo indubitavelmente como guia o que Jeremy Bentham descreveu como subserviência aos mestres soberanos da dor e do prazer, responsáveis por todos os conceitos de certo e errado.

Na cena de caráter utilitarista da Odisseia, em que seis homens são condenados à morte sem seu consentimento em prol da felicidade alheia, o conceito de pessoa é traduzido para definição de objeto, apenas a ser utilizado por um aparente “bem maior”.

Ao analisar o que afirmava Bentham e suas críticas a direitos universais é possível averiguar que toda a premissa do utilitarismo é ser algo mais próximo de uma ferramenta do que uma leitura social aprofundada que permita à sociedade rever seus próprios conceitos e se tornar mais complexa, nesse sentido o utilitarismo é mais conservador que o pensamento libertário de Kant. Quando Bentham trata de algo relativo ao que conhecemos hoje como direitos humanos, ele aponta que eles apenas seriam justificados quando fundamentados no

entendimento de que a crença neles advém do fato de que eles fariam a maioria das pessoas felizes. Contudo, Kant explora isso alegando que, com o pensamento de que pessoas podem ser legitimamente usadas como objetos, não teriam como direitos universais surgirem, uma vez que a própria existências destes são pautadas no respeito do ser humano como indivíduo.

Além da propagação universal de uma doutrina imposta por si mesmo e a ser seguida de forma ativa, outro conceito importante ao tratar do Imperativo Categórico kantiano é o de ver pessoas como fins em si mesmas. Retomando o exemplo do diálogo entre Circe e Ulisses nota-se a forma como Circe vê os homens de Ulisses como objetos a serem manuseados por seu líder, ao afirmar que é melhor seis marinheiros dentre eles morrerem nos tentáculos de Cila do que o navio afundar nas garras de Caríbdis, porém ao constatar isso ela evidencia que não vê aqueles marinheiros como seres humanos autônomos capazes de possuírem direitos inaliáveis, ela os vê como traves de segurança a serem sacrificados para manter Ulisses vivo. Este por sua vez, ao de fato passar por Cila e condenar seis membros da tripulação sem os consultar, indiretamente seguiu a lógica do pensamento utilitarista e ao mesmo tempo contrariou a lógica de imperativo categórico de Immanuel Kant, pois, para uma ação ter valor moral, Ulisses não poderia ter sido guiado por objetivos particulares, já que não é possível fundamentar a lei moral em interesses. Logo, nota-se que Ulisses também destituiu de humanidade seus subjugados. Aqui também nasce a diferença fundamental do utilitarismo e do pensamento libertário, uma vez que a fundamentação do segundo é justamente embasado em respeitar uma pessoa e entendê-la como um fim em si mesma, um ser racional que merece respeito, jamais podendo ser manipulada como a um objeto.

Por fim, a teoria utilitarista foi concebida no século XVIII, em um contexto político do século XXI, após duas guerras mundiais, governos totalitários e genocídios, é possível dizer que a teoria de Jeremy Bentham ficou desconexa e datada, até mesmos as formulações de John Stuart Mill que acontecem cronologicamente após às de Bentham são obsoletas no contexto político-mundial atualmente. Portanto, para Ulisses alcançar o que deseja, voltar para casa e para sua família, ele deve tomar uma série de decisões respaldadas e justificadas na moral e ética que o guiam, porém acima de tudo é louvável que Ulisses queira se ver na liberdade de seu lar com aqueles que ama, mas para se dotar de liberdade nesses quesitos, ele primeiro teria que alcançar a liberdade moral que apenas a crença em um Imperativo Categórico poderia propiciar em meio ao seus percalços. Para efetivamente fazer a coisa certa é necessário primeiramente reconhecer em outras pessoas aquilo que cada indivíduo enxerga em si próprio, a humanidade e racionalidade que forma um ser humano, não com o objetivo em mente de também sermos respeitados como seres humanos, mas

simplesmente porque é o certo. No fim, pode-se dizer que todos são Ulisses e Circes e Marinheiros, navegando e decidindo, buscando uma moral não nefasta que os guie.

Bibliografia

ANDRIETTA, Matheus. *Compreenda a diferença entre ética e moral*. Infoenem, 2015. Disponível em: <https://infoenem.com.br/compreenda-a-diferenca-entre-etica-e-moral/>. Acesso em: 12 de mar. de 2023.

BEECKMAN, Paul. *Human evolution: Its Influence on our behaviour and perception of facts*. Humanitarian Law & Policy, 2017. Disponível em: <https://blogs.icrc.org/law-and-policy/2017/10/23/the-influence-of-human-evolution-on-our-behaviour-and-the-way-we-perceive-facts/>. Acesso em: 06 de mar. de 2023.

DOMINGOS, Charles S. M. *A busca de Odisseu: sociedade e moral na Grécia Antiga sob o olhar de Homero na Odisséia*. Blogspot, 2009. Disponível em: <http://historianovest.blogspot.com/2009/12/busca-de-odisseu-sociedade-e-moral-na.html>. Acesso em: 06 de mar. de 2023.

HOMERO. *Ilíada*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021.

_____. *Odisseia*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021.

SANDEL, Michael J. *Justiça: o que é fazer a coisa certa?* 35 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

SPALL, Benjamin. *The difference between ethics and morals*. Disponível em: <https://benjaminspall.com/ethics-morals/>. Acesso em: 12 de mar. de 2023.

TILAHUN, Addis *et al.* *Ethics vs. Morals*. Diffen, 2023. Disponível em: https://www.diffen.com/difference/Ethics_vs_Morals. Acesso em: 06 de mar. de 2023.